

Kafka.

I. Plano geral da vida: Devemos procurar compreendê-lo das suas coordenadas históricas e geográficas, isto é como judeu alemão praguense do início do século 20. Para falar primeiro da geografia. Kafka é um fenómeno praguense no sentido de ser produto de uma cidade localizada em situação de limite. É o limite entre o mundo germânico e eslavo, entre o ocidente e oriente europeu, entre a tradição medieval e a industrialização moderna. E os judeus se introduzem, qual cunha, mas também qual ponte, nessa situação de limite. Nem germanicos nem eslavos participam, no entanto, dos dois mundos, nem ocidentais nem orientais agem, no entanto, como catalizadores de ambos, e tradicionalistas progressivos que são, movem-se nos dois terrenos. Praga é pois uma cidade ideal para o desenvolvimento desse papel especificamente judaico, e os judeus de Praga produziram, com efeito, figuras que marcam a cena. Kafka é um típico judeu de Praga. Agora as coordenadas históricas, o começo do século 20. É uma época entre Idades. Marca, com seu desenvolvimento das ciências e da indústria, a plenitude da Idade moderna. E marca, com a sua guerra e com seu abandono dos valores modernos, o início de uma nova Idade. É uma época na qual se realiza um projeto que já perdeu significado, e ainda não surgiu um projeto novo. É portanto marcada pela falta de significado. Kafka é um típico homem do começo do século 20.

Para completar a descrição de seu tipo, é preciso dizer que Kafka é burgues com a típica biografia burguesa. Pai comerciante, o filho estuda direito e torna-se funcionário, cuja carreira é cortada pela tuberculose. A essa biografia típica corresponde um psiquismo típico com complexo de Édipo e tudo. Esboçado o tipo, passo a caracterizar Kafka.

O primeiro característico é o horror a toda pose. Uma busca fanática de autenticidade. Uma recusa portanto de aceitar a conversa fiada e os valores pretenses do ambiente. E como Kafka é produto de um ambiente altamente poseur e insincero, este seu ódio à insinceridade implica um ódio a si mesmo. É sob este prisma que podemos compreender a sua autobiografia, resumida na seguinte sentença: "Passei a minha vida lutando contra o desejo de acabar com ela".

O segundo característico é uma fome religiosa e metafísica insatisfeita. Uma busca desesperada de Deus, desesperada, porque sem fé e com a certeza da impossibilidade de forçá-la. O resultado dessa busca é o confronto com o nada, que é o lugar deixado vago por Deus. Este é outro aspecto da biografia de Kafka: o confronto diariamente repetido com o nada na busca de Deus.

O terceiro característico é a vocação para a literatura. Para Kafka escrever é uma necessidade, portanto maldição; e uma libertação, portanto um esca-

pe. Como todo verdadeiro escritor sente Kafka essa dupla qualidade do escrever: liberta e escraviza. Mas em Kafka essa sensação se intensifica pela falta de resposta. Seu escrever é como um gritar no deserto. Nem mesmo Brod é parceiro. É por isto que Kafka quer destruir seus escritos. O escrever é sua própria meta, e toda publicação já o desautentica. A não ser que o escrever seja considerado instrumental no caminho da procura de Deus.

A busca suicida de autenticidade, a busca desesperada de Deus, e a dedicação a um escrever que não tem resposta caracterizam Kafka. Fazem dele uma das figuras mais trágicas da humanidade. Colocado, como tipo, em situação de limite, sorve, como caráter, o sabor anargo dessa situação até o fundo.

II. Conceito do absurdo. A leitura de Kafka provoca em nós aquela sensação do inapropriado, do incongruente e do desproporcionado que costumamos chamar pelo termo "absurdo". Creio que esta sensação é provocada principalmente pela desproporção entre a linguagem e o assunto. Trata-se de uma linguagem seca, pedante, burocrática, e de assuntos fantásticos e milagrosos. E estes próprios assuntos são totalmente inadequados ao seu contexto. Não são assuntos a serem tratados pela forma kafkeana. Assim creio que a sensação absurda que a obra de Kafka nos causa é consequência da sua técnica linguística e narrativa. É através dessa técnica que podemos sorver a mensagem kafkeana, que é a da total futilidade de todo empenho. A técnica de Kafka é portanto a articulação da sua vivência da realidade.

A vivência é esta: sou culpado. Pelo fato de ter nascido sou culpado. Todo castigo que sofre é merecido. Mas além de culpado, sou nojento. Por isto, por sentir nojo de mim, as forças que me devem castigar desprezam a aplicação do castigo. Por isto, e também por serem essas forças um aparelho relaxado e de mau funcionamento. Mas eu, na minha condição de culpado, procuro precipitar o castigo. Tudo que faço é precipitar o castigo. Porque faço isto? Porque não sei de que sou culpado, embora saiba que sou culpado. Provoco o meu castigo, para conhecer a natureza da minha culpa. Aparentemente portanto nada mais fácil que conseguir esse conhecimento. Devo apenas apresentar-me à justiça para ser castigado. Mas a justiça me escapa sempre, por nojo que de mim sente. E também, como vou descobrindo, por nojo que sente de si mesma. E esta é, com efeito, a única descoberta que faço: a justiça divina é pornografia.

Nestes termos podemos talvez caracterizar o absurdo vivenciado por Kafka. Mas

atualmente, e talvez inclusive graças à influência de Kafka sobre nós, este absurdo não nos choca. Concorde, em grande parte, com a nossa própria vivência da realidade. Vivenciamos como kafkeanos os enormes aparelhos produtores e administrativos dos quais somos funcionários e os quais ainda não nos esmagam porque funcionam mal e de forma relaxada. Podemos perfeitamente imaginar que esta é efetivamente a meta do progresso: transformar a realidade em aparelho no qual a função do homem será fazer-se lembrado para ser castigado. Castigado por que? Talvez por ser ele o responsável pelo aparelho.

A vivência do absurdo que Kafka articula é uma visão profética da atualidade. Kafka participava, por essa sua visão, dos dias de hoje. Previu não apenas Eichmann, o funcionário perfeito, mas ainda o computador, o Eichmann perfeito. É por esta qualidade profética da obra de Kafka que nós somos os seus primeiros parceiros. A realidade vivenciada por Kafka era apenas subjetiva no seu tempo. Hoje tornou-se objetiva. Todos vivemos em mundo kafkeano. O absurdo é o clima que todos respiramos. E nesse clima podemos sorver as aberturas que Kafka nos oferece: a busca da autenticidade e a busca de Deus. Trata-se de um círculo no qual estamos presos: a busca de Deus e da autenticidade revela o absurdo do mundo, e o absurdo do mundo revela a busca da autenticidade e de Deus como saídas. E o projetor desse círculo infernal é Kafka.

III. Análise da metamorfose. Disse que todos somos culpados pelo fato de termos nascido, e que todos somos nojentos. Mas sabemos disso apenas se somos honestos. Apenas na decisão radical em prol da honestidade descobrimos que somos baratas nojentas e culpadas. Encobrimos essa nossa condição fundamental pela conversa fiada de todos os dias. Pois a metamorfose nos conta a história da descoberta do fundamento autêntico da condição humana. Na família burguesa do conto apenas a barata é um ser honesto. Por isto, e a despeito do suco mucoso e mal cheiroso que espalha pelo quarto, é ela a menos nojenta de todos. A despeito de nutrir-se de lixo, é ela, em certo sentido, um ser um pouco mais limpo que o pai, a mãe, ou os outros farcantes. Mas se fosse isto toda a verdade, seria perfeitamente suportável. O que a torna insuportável é o seguinte fato:

Os seres nojentos e farcantes que são os outros sentem um nojo pela barata, justamente por ser ela honesta. E a barata sente saudade e inveja pelos outros, justamente por serem desonestos. A decisão em prol da honestidade transforma o homem em barata, isto é afasta o homem do convívio com a

gente. Mas não o conduzem para mais perto de uma visão da verdade. O único resultado da honestidade é o de desvendar a condição nojenta do homem. A honestidade deve ser castigada. É justo que assim seja. A barata é a primeira a concordar com o veredito. Com efeito, apenas depois de morta, despedaçada e varrida a barata, é restabelecida uma situação suportável. Esta é pois a mensagem da Metamorfose: Sejamos honestos, muito embora saibamos que nessa decisão honesta tornaremos a situação insuportável e seremos, muito justamente, despedaçados e varridos da cena. É uma mensagem que Camus irá elevar em filosofia.

A mensagem de Kafka é desesperadora. Mas não pode ser a mensagem derradeira. Do contrário, seria Kafka o fim do Ocidente. Devemos encontrar resposta. Não transformando Kafka em autor e em literatura, e pesquisando criticamente as suas obras. Se desexistencializarmos Kafka dessa maneira, estamos sendo apenas farçantes em redor da barata kafkeana que a despedaçam. Mas procurando vivenciar a realidade kafkeana, e procurando superá-la.